

Racismo é do esporte ou está no esporte?

¹ Francisco Xavier dos Santos

¹Universidade Federal de Pernambuco, ¹PhD. Faculty of Sports, University of Porto
Docente da Universidade Federal de Pernambuco.

EMAIL: francisco.xaviersantos@ufpe.br

Este texto tem seu fundamento único na forma como o autor percebe a discussão que envolve o racismo no esporte brasileiro, mas que vai além deste. Sendo assim, trata-se de uma opinião particular sobre um tema que atravessa a sociedade nas suas mais diversas figurações sociais – embora algumas delas façam crer que nada têm a ver com o caso, reproduzindo ideias distorcidas de si mesmas – conforme acredito – como estratégia de manutenção de poder de algumas das tais configurações.

Ora, mas se o problema do racismo trespassa o corpo social, então, a figuração esportiva não passa ilesa quanto à manifestação desse dano – e bem, ajuizamos nós. O esporte – a despeito do que alguns possam pensar – não é um oásis, e, portanto, a violência, a xenofobia e mesmo o racismo são fatos que atravessam e estão bastante evidentes, *parecendo* serem coisas DO esporte. Mas, um episódio mais notório, a meu

ver – e para isso faço uma alusão ao filósofo Edmund Husserl –, é que o esporte não pode ser colocado entre parênteses nem em estado de suspensão, como se fosse algo descolado da sociedade em que vivemos.

Destarte, penso que a fonte dessa mazela é de natureza mais complexa. Que o "monstro" do racismo tem muitas faces, e algumas se mascaram e desviam a nossa atenção para não percebermos o que está NO, mas não é precisamente DO.

Nesse jogo – de muitas variantes –, quase sempre a estrutura de poder produz imagens turvas do fenômeno, disseminando "uma" forma de representação social que nos "presenteia" com uma produção imaginária, mas nunca com o retrato real do processo, e talvez por isso é que habitualmente o campo esportivo seja marcado por muitos com o estigma de ser a matriz originária das manifestações racistas.

Como já se afirmou, o desporto tem o condão de dar mais visibilidade, pela positiva ou pela negativa, a problemas sociais candentes. Veja-se o caso do racismo. Um pequeno episódio de racismo numa competição desportiva é ampliado vezes sem conta nos *media*, apesar de diariamente acontecerem inúmeros incidentes do mesmo tipo nas nossas ruas, vilas, cidades ou países sem qualquer eco mediático, tão banais são os casos (GARCIA, 2019, p.4 e 5).

Procurando aqui evidenciar a nossa intenção pedagógica, conjecturamos que o tema do racismo no esporte não pode ser pensado e analisado com dose de imprudência, para não correremos o risco de perder de vista que o esporte é, tão somente, parte de uma conjuntura maior, e por isso em concordância com Juca Kfour: "QUE PERDOEM os que vivem num país tão

diferente que imaginam não haver racismo no Brasil".

Olhando para onde a nossa estrutura social se deixa menos ver, perguntamos se o racismo é um fenômeno originário DO esporte ou aparece também NO esporte? Sem nos apressarmos com as respostas, conjecturamos se de fato o esporte possui uma autonomia tal, ao ponto de o

considerarmos um universo descolado do cenário mais amplo em que vivemos.

Para nós, o esporte não é mais, nem menos – metaforicamente falando –, que um espelho refletor de uma imagem em miniatura daquilo que na essência somos. Para o historiador Luiz Carlos Ribeiro, da Universidade Federal do Paraná, "o racismo existe na sociedade, não é uma patologia do futebol, *nem do esporte*, é uma doença social presente em toda a sociedade".

A história processual de nossa sociedade, segundo o sociólogo Mauricio Murad, mostra que nós temos uma dívida social para com os pobres, mestiços, analfabetos e os negros. Basta lembrar que o Brasil foi o último país do mundo a abolir a escravidão e que vivemos essa infâmia por 350 anos.

A ideia não é romantizar com este texto o ambiente esportivo, pois as evidências falam por si, e casos de discriminação racial estão, sim, na história do esporte, e não há como olvidar.

Como esquecer a situação vivida pelo goleiro Aranha, quando este jogava pelo Santos Futebol Clube, ao ser chamado de **macaco** por torcedores do Grêmio Foot-Ball Porto Alegre e visto, por causa disso, por alguns dirigentes como um **sujeito perigoso**. Acrescente-se a isso circunstância experimentada pelo jogador Marinho, que coincidentemente atua hoje pelo mesmo Santos, vinda de um comentarista, que disse: "É burro e está na senzala". E, ainda no contexto mais recente, o episódio vivido pela judoca Rochele Nunes – brasileira naturalizada portuguesa, chamada de **macaca de merda** – só para citarmos alguns.

Mas, o que pensar também do fato ocorrido em 2015 quando um menino de 8 anos foi expulso da calçada de uma loja da grife Animale em São Paulo? E o que dizer do caso envolvendo o cabo **Negro** Edson Lopes num supermercado no Espírito Santo, ao ser

obrigado a se despir para provar que não estava roubando vinhos? Talvez, para explicar a essência de tais fatos sociais, nos sirva muito bem aquilo que diz Locke: "Sempre pensei que as ações dos homens fossem os melhores intérpretes de seus pensamentos".

Em meio às minhas reflexões, ousou pensar com a ajuda do sociólogo e antropólogo Rui Garcia que o problema não está no esporte, mas no uso que muitos fazem dele. Dos que dele se apropriam para disseminar ideias, intenções e comportamentos que fazem parte do nosso *habitus*, que traduz uma herança social impregnada nos homens que insistem em se autodenominar civilizados, mas são capazes de promover barbáries como a que remonta ao Holocausto.

Quando o assunto é o esporte – e fenômenos como o racismo nele discutidos –, não são poucos os cientistas sociais que ainda o entendem como um assunto menor. Mas, penso eu que "[...] o sociólogo encontra-se hoje numa situação perfeitamente semelhante – mutatis mutandis – à de Manet ou Flaubert, que, para exercer em pleno o modo de construção da realidade que estava criando, aplicava-o a projetos tradicionalmente excluídos da arte acadêmica [...] O sociólogo poderia tornar a sua fórmula de Flaubert: pintar bem o medíocre", assim parece pensar (BOURDIEU, 2010, p.20).

Por fim, parafraseando o que diz Kal Popper de que em ciência não existe verdade absoluta, num texto como este, acredito que a verdade parece ser ainda mais relativa. E ainda que outras visões corroborem o que aqui foi dito, haverá quem não defenda os argumentos postos, mas, concordando ou não como sociólogo do esporte, minha tarefa não é defender nem acusar o esporte, mas fazer mostrar qual seja a realidade. E ela mostra que, quanto ao racismo, embora apareça NO, sua origem tem outro nascedouro.

REFERÊNCIAS

BLOG DO JUCA. KFOURI, Juca. Disponível em: <<https://blogdojuca.uol.com.br/>>. Acesso em 20 agosto de 2018.

BOURDIEU, Pierre et al. **O poder simbólico.** 2010.

GARCIA, R. P. **Antropologia do esporte.** Shape, 2007.

_____. **Desporto e mudança de sexo.** 2019.

HURSSSEL, E. **Investigações Lógicas.** São Paulo-SP: abril, 1975.

MURAD, Mauricio. **A violência e o futebol: dos estudos clássicos aos dias de hoje**. FGV Editora, 2007.

POPPER, K. R. **Lógica das ciências sociais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.

SILVA, L. C. R. **Reflexões sobre o racismo e sua influência nas políticas públicas**. 2017.